

**Periódico Formativo
do Núcleo de Apoio e
Desenvolvimento Docente**

#05

Publicação on-line bimestral
Nº 5 - Ano 2 / Ago. 2025

Nadd. **edu**

unifev docente

Nadd - Núcleo de Apoio e
Desenvolvimento Docente

© Copyright – Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução parcial ou total desta obra por qualquer meio sem autorização do titular.

✉ Contato: nadd@fev.edu.br

PALAVRA DO PROFESSOR

O Núcleo de Apoio e Desenvolvimento Docente (Nadd) publica a 5ª edição do seu periódico formativo. As páginas nele contidas destacam a importância de se pensar o fazer acadêmico, impulsionando discussões sobre o ensino e a aprendizagem e as novas tendências tecnológicas que tendem a apresentar caminhos multifacetados e clamam por novas experiências educacionais.

Nesse sentido, oportuno destacar a relevância da formação continuada de docentes, caracterizada pelo dinamismo e pelo movimento constante de profissionais que se dedicam ao “querer-fazer” em suas áreas de atuação. Confirma-se, dessa maneira, a relevância da teoria unida à prática e a potencialidade que se imprime ao refletir constantemente sobre a docência.

Esse caminho, nesse viés, deve ser pensado a partir do espírito de cooperação entre o emissor de boas novas (o Nadd) e seus receptores (os leitores). Na verdade, é um olhar para a transdisciplinaridade, indispensável para se pensar o todo em detrimento do isolamento que pode afetar a relação do educador e seu educando.

É por isso que o convite a “deitar os olhos” sobre os textos produzidos se torna tão significativo. Será um deleite. Será uma lição de amor ao ato de educar.

Boa leitura a todos.

Dr. Edson Roberto Bogas Garcia

Docente e Coordenador de Pesquisa da Unifev

unifev docente

Nadd - Núcleo de Apoio e
Desenvolvimento Docente

Autores

Dr. Anderson Bençal Indalécio
Me. Camilo Augusto Giamatei Esteluti
Ma. Giovana Regina da Silva Cristante
Ma. Iza Valéria da Silva Pires
Dr. Lauro Lodo Prado
Dr. Wagner Moneda Telini
Esp. Walter Francisco Sampaio Neto

Revisão

Profa. Ma. Sílvia Brandão Cuenca Stipp
MTb: 19.406/SP

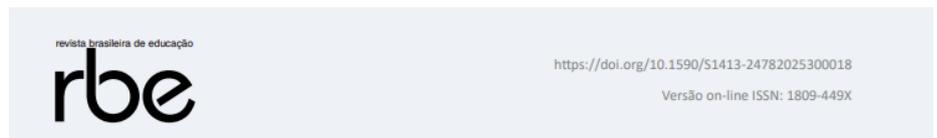
Comunicação e Marketing

Grazielle Karina de Marchi Magalhães

Diagramação e design

Prof. Me. Vínicius Sanchez dos Santos

A CIÊNCIA DIZ



Innovation in education: a systematic analysis of literature reviews

Inovação em educação: uma análise sistemática de revisões de literatura

Innovación en la educación: un análisis sistemático de revisiones de literatura

INOVAÇÃO EM EDUCAÇÃO: O QUE A CIÊNCIA TEM MOSTRADO?

Ma. Giovana Regina da Silva Cristante

Muito se fala em “inovação” na educação, mas afinal, o que isso significa? Um estudo publicado na Revista Brasileira de Educação fez uma análise sistemática de 66 revisões da literatura para entender como o tema tem sido discutido no campo educacional.

Os pesquisadores observaram que existem várias formas de definir inovação: desde o uso de novas tecnologias até mudanças em práticas pedagógicas e currículos. Apesar dessa diversidade, apenas 9 dos 66 trabalhos analisados explicitaram claramente o que entendiam por inovação, sugerindo ainda a falta de consenso conceitual.

Entre os tipos mais comuns, destacam-se o uso de recursos digitais (como jogos, realidade aumentada, plataformas on-line e ferramentas de videoconferência) e novas estratégias de ensino e avaliação, como sala de aula invertida, aprendizagem baseada em projetos e gamificação. Os efeitos, em geral, são positivos: maior engajamento, motivação, desenvolvimento de habilidades e melhora no relacionamento entre professores e alunos.

O estudo discute também algumas barreiras para implementação de inovações, como infraestrutura precária, falta de apoio institucional e limitações curriculares. Já fatores como formação docente, colaboração entre professores e políticas educacionais adequadas favorecem a implementação de inovações.

Um ponto relevante é que a implantação de algum tipo de inovação não deve ser vista como “bom por si só”, seus impactos variam conforme o contexto, os objetivos e as necessidades de cada comunidade educacional. Assim, inovar em educação não significa apenas adotar tecnologia ou aplicar fórmulas prontas, mas construir processos coletivos, planejados e contextualizados, que respondam a desafios reais e promovam transformações significativas no ensino.

Referências:

PETTER, Ana Amélia; SOUZA, Douglas Grandode; OLIVEIRA, Tobias Espinosa de; ARAUJO, Ives Solano. Innovation in education: a systematic analysis of literature reviews. **Revista Brasileira de Educação**, v. 30, e300017, 2025.

DIMENSÕES DAS COMPETÊNCIAS NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Dr. Anderson Bençal Indalécio

A Base Nacional Comum Curricular - BNCC (2019) apresenta uma inflexão importante nas práticas pedagógicas da Educação Básica ao propor a formação integral dos estudantes a partir de dez competências gerais, que articulam conhecimentos, habilidades, atitudes e valores essenciais para o século XXI.

A Base Nacional Comum Curricular - BNCC (2019) apresenta uma inflexão importante nas práticas pedagógicas da Educação Básica ao propor a formação integral dos estudantes a partir de dez competências gerais, que articulam conhecimentos, habilidades, atitudes e valores essenciais para o século XXI.

Essa orientação desloca o foco de uma lógica centrada exclusivamente na transmissão de conteúdos para uma perspectiva de aprendizagem que privilegia a autonomia intelectual, a capacidade crítica, a argumentação fundamentada e a elaboração de projetos de vida.

O documento “Dimensões e Desenvolvimento das Competências Gerais da BNCC” evidencia a progressão dessas competências ao longo da trajetória escolar: crianças que iniciam pela identificação de informações e pela experimentação de ideias chegam ao Ensino Médio aptas a formular hipóteses, analisar dados, assumir responsabilidades sociais e projetar escolhas de forma consciente. Tal percurso altera profundamente o perfil do estudante que ingressa no Ensino Superior.

Nesse cenário, cabe às universidades reconsiderar suas metodologias. Já não é suficiente reproduzir modelos positivos tradicionais; impõe-se o desafio de dialogar com sujeitos que trazem consigo experiências de aprendizagem colaborativa, multiletrada e crítica. Assim, recomenda-se a leitura atenta do documento, não apenas para compreender o que se pratica na Educação Básica, mas, sobretudo, para alinhar o Ensino Superior a uma formação que se pretende contínua, ética e transformadora.

São as 10 Competências Gerais previstas na BNCC: Conhecimento; Pensamento científico, crítico e criativo; Repertório cultural; Comunicação; Cultura digital; Trabalho e projeto de vida; Argumentação; Autoconhecimento e autocuidado; Empatia e cooperação; Responsabilidade e cidadania.

Referências:

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2019. Disponível em: https://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 18 ago. 2025.

MOVIMENTO PELA BASE. **Dimensões e desenvolvimento das competências gerais da BNCC**. São Paulo: Movimento pela Base, 2020. Disponível em: https://movimentopelabase.org.br/wp-content/uploads/2018/03/BNCC_Competicencias_Progressao.pdf. Acesso em: 18 ago. 2025.

METODOLOGIA A+

WORLD CAFÉ (CAFÉ-MÚNDI): A CRIATIVIDADE NO TRABALHO EM GRUPO

Esp. Walter Francisco Sampaio Neto

O World Café é uma metodologia voltada para a criação de ideias ou propostas de soluções baseadas na troca de opiniões entre os alunos. Essa abordagem permite aplicar conceitos e teorias para resolver situações concretas, funcionando em rodízio.

O World Café é uma metodologia voltada para a criação de ideias ou propostas de soluções baseadas na troca de opiniões entre os alunos. Essa abordagem permite aplicar conceitos e teorias para resolver situações concretas, funcionando em rodízio.

A dinâmica consiste na divisão dos alunos em grupos, cada um com um anfitrião (ou relator) responsável por registrar as ideias e propostas discutidas. Em seguida, realiza-se rodízios entre os integrantes dos grupos, permanecendo apenas os anfitriões, que compartilham as considerações de seu grupo com os novos participantes e registram as novas contribuições.

O método possibilita o trabalho com conceitos de uma unidade curricular específica de forma individual, interdisciplinar ou transdisciplinar. Pode ser aplicado tanto com alunos de um único período quanto com alunos de períodos distintos.

Apesar da criatividade e do dinamismo do World Café, o docente deve ter cuidado na elaboração da problemática a ser apresentada. É importante que a questão (ou questões) não seja excessivamente aberta, para permitir a contribuição de todos os participantes – especialmente quando a composição dos alunos é de diferentes períodos.

Para alcançar os resultados desejados, a participação coletiva é essencial. Por isso, é comum que cafés, aperitivos e/ou doces sejam disponibilizados nas mesas ou servidos durante a atividade, com o objetivo de reduzir eventuais barreiras em relação ao novo método e incentivar o trabalho cooperativo, tornando o ambiente mais acolhedor.

Por fim, é fundamental que o docente realize um fechamento com os alunos, expondo as soluções encontradas, corrigindo eventuais equívocos e esclarecendo dúvidas.

Referências

KLAFKE, Guilherme Forma; FEFERBAUM, Marina. **Metodologias ativas em direito**: guia prático para o ensino jurídico participativo e inovador. São Paulo, Atlas, 2020. ISBN 978-85-97-02524-8

PRÁTICA DOCENTE

DIDÁTICA NÃO É DOM

Me. Camilo Augusto Giamatei Esteluti

Costuma-se dizer, com um certo encantamento, que “ensinar é um dom”. Ainda que a ideia valorize a figura do professor, ela esconde um risco: o de atribuir ao talento pessoal o que é, antes, fruto de formação, estudo, reflexão e prática. Ensinar exige intencionalidade pedagógica, pois não basta dominar o conteúdo. É preciso saber como, quando e por que ensiná-lo.

A didática, nesse sentido, não é um “jeito natural” que alguns têm e outros não. Trata-se de um campo do conhecimento que investiga a relação entre ensino e aprendizagem, entre professor, estudante e saber. Como nos lembra Libâneo (2011), “a prática docente é um processo de mediação entre os conteúdos escolares e os alunos”.

Essa mediação precisa ser construída, sustentada e aprimorada continuamente, pois é nela que se revelam as escolhas éticas, políticas e metodológicas que orientam o trabalho pedagógico.

No ensino superior, muitas vezes, valoriza-se mais a especialização em áreas técnicas do que a formação didático-pedagógica. No entanto, é justamente ali, em que os saberes se aprofundam e se complexificam, que o compromisso com o ensino deve se intensificar. Conhecer bem um conteúdo não significa, por si só, saber ensiná-lo.

Mais do que aplicar técnicas ou repetir fórmulas de aula, ensinar implica sensibilidade para lidar com as singularidades de cada grupo, escuta ativa para compreender os diferentes modos de aprender e criatividade para transformar obstáculos em oportunidades. A didática se faz no encontro, na observação atenta e na disposição constante para aprender com a experiência.

Reconhecer que ensinar é um trabalho, e não um dom, é o primeiro passo para valorizarmos a docência em sua complexidade. É tempo de abandonar os discursos romantizados e fortalecer a ideia de que a didática é saber profissional que se aprende, se cultiva e se reinventa.

Referências:

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora?** Novas exigências educacionais e profissão docente. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MORAN, José Manuel. **A educação que desejamos**: novos desafios e como chegar lá. Campinas: Papirus, 2013.

EDUCAÇÃO & SAÚDE

DEMANDAS EMERGENTES PARA A EDUCAÇÃO EM SAÚDE

Dr. Wagner Moneda Telini

A educação em saúde traz desafios muito além do ensinar e aprender. A matriz de conteúdos robusta, do modelo Flexneriano, do início do século passado, não se mostra efetiva à formação para as demandas de saúde, na atualidade.¹ As necessidades de saúde mudaram. O apelo às estratégias coletivas de promoção de saúde e projetos de intervenção para prevenção de doenças sensíveis à atenção primária demandam a formação de profissionais com visão integrativa e humanista, algo que vai muito além de matrizes de ensino infladas de patologia.

O mundo globalizado não significa territórios de saúde de nivelados.² Cada território tem suas próprias necessidades de saúde relacionadas às vulnerabilidades biológicas e sociais de sua população, e a adesão aos projetos de promoção e prevenção depende das condições econômicas regionais, além da cultura dos grupos sociais, muitos deles, invisibilizados.

Formar profissionais de saúde usando matriz de conteúdos completa e especializada não garante egressos aptos a essas demandas. O educador em saúde deve pensar mais sobre o perfil do egresso esperado pela sociedade, na região de saúde onde seu complexo acadêmico está inserido.³ O educador em saúde deve fazer isso pelo bem da população. Ele deve fazer isso, também, pelo bem do egresso, afinal, a sua formação adequada às necessidades de saúde locais e regionais será a melhor garantia de empregabilidade.

A responsabilidade de educar em saúde demanda habilidades do educador em ensinar, garantir oportunidade para aprender e, por fim, entregar ao educando formação suficiente para empregá-lo e devolvê-lo apto à (re)inserção social.

Referências:

¹ FLEXNER, Abraham. **Medical education in the United States and Canada**. New York: Carnegie Foundation for The Advancement of Teaching, 1910. (Bulletin, n. 4).

² SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003. 174 p.

³ FREITAS, Gabriele Carvalho de; FLORES, Joyce Andrade das; CAMARGO, Kenneth Rochel de. **Necessidades de saúde: reflexões acerca da (in)definição de um conceito**. **Saúde e Sociedade** [on-line], v. 31, n. 1, e200983, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902021200983>. Acesso em: 16 ago. 2025.

SOCIEDADE PERFORMATIVA E EDUCAÇÃO

Dr. Lauro Lodo Prado

Sugiro uma reflexão acerca da performance e a performatividade na sociedade, na economia e na educação. A performatividade é conceituada como uma cultura, uma tecnologia, e uma forma de regulação que resulta em comparação, exposição e julgamento. Já as performances – seja de pessoas ou organizações – se enquadram com mensuração de resultados, como reflexo de qualidade. Elas expressam a categoria ou a valia de uma pessoa ou de uma organização nos moldes de julgamento, talvez uma das características mais comuns da “condição pós-moderna”.

Busco entender e estabelecer a existência de uma postura e de um arcabouço ético com os quais acadêmicos, professores e pesquisadores em qualquer nível de ensino estão sendo direcionados a trabalhar e pensar, acerca do que fazem ou sobre o que são. Nessa representação, profissionais da educação são alentados a pensar sobre si mesmos como indivíduos que mensuram a si mesmos, que “agregam valor” a si mesmos, que potencializam sua produtividade, que vivem uma necessidade de quantificação.

Porém, temos chances para ficarmos animados e gatilhos diários para não aceitar tais estilos de responsabilização de nós mesmos, não de maneira apática, mas sim como um possível ativismo.

Revivendo a nossa essência de educadores, somos ainda, e antes de qualquer coisa, atores sociais. Temos uma missão de cidadania: nossa finalidade não é desenvolver produtores, consumidores, mão-de-obra produtiva, mas cidadãos com uma consciência e uma competência política, fundamentalmente para julgar de forma crítica e alicerçada a evolução da nossa sociedade e, se for preciso, opor-se a presente e intensa busca pela performance individual.

Referências:

- BALL, Stephen J. Cidadania global, consumo e política educacional. In: SILVA, L. H. (Org.). **A escola cidadã no contexto da globalização**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998. p. 121-37.
- BALL, Stephen J. Performatividade, privatização e o pós-estado do bem-estar. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 25, n. 89, p. 1105-26, set./dez. 2004. <https://doi.org/10.1590/S0101-73302004000400002>.
- BALL, Stephen J. Profissionalismo, gerencialismo e performatividade. **Cadernos de Pesquisa**, v. 35, n. 126, p. 539-64, set./dez. 2005. <https://doi.org/10.1590/S0100-15742005000300002>.
- CARNOY, Martin. **Educação, economia e Estado: base e superestrutura, relações e mediações**. São Paulo: Cortez Autores Associados, 1984.
- BAUMAN, Zygmunt. **Le coût humain de la mondialisation**. Paris: Hachette Littératures, 1999.
- BALL, S. J. **Cidadania global, consumo e política educacional**. In: SILVA, L. H. (Org.). **A escola cidadã no contexto da globalização**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998. p. 121-37.

DALE, Roger. A sociologia da educação e o estado após a globalização. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 31, n. 113, p. 1099-120, out./dez. 2010. <https://doi.org/10.1590/S0101-73302010000400003>.

FOUCAULT, Michel. **Language, Counter-Memory Practice: Selected Essays and Interviews**. Ithaca, NY: Cornell University Press, 1977.

LINGARD, Bob; BLACKMORE, Jennifer. The “Performative” State and the State of Educational Research (Editorial). **The Australian Educational Researcher**, v. 24, n. 3, p. 1–20, 1997.

LYOTARD, Jean-François. **O pós-moderno**. Rio de Janeiro, RJ: José Olympio, 1988.

SLATER, Don. **Consumer Culture and Modernity**. Cambridge: Polity Press, 1997.

DIÁLOGOS COM O MEC

GESTÃO DE PROJETOS PEDAGÓGICOS: FOCO NO ENSINO-APRENDIZAGEM

Ma. Iza Valéria da Silva Pires

A gestão de projetos pedagógicos é uma abordagem estratégica e colaborativa, focada na melhoria contínua do ensino e da aprendizagem. Vai além de simplesmente planejar conteúdos e cronogramas, ela busca alinhar as práticas educacionais aos objetivos e às necessidades dos alunos.

Um bom projeto pedagógico começa com o diagnóstico do contexto institucional e do perfil dos estudantes. Com base nisso, são definidos objetivos de aprendizagem, metodologias, recursos e formas de avaliação. A participação de toda a equipe docente é fundamental para garantir a eficácia do projeto.

Em um cenário com tantas métricas e tecnologias, existe o risco de perder a missão educativa. Para evitar isso, a análise do processo de ensino-aprendizagem deve ser contínua e baseada em indicadores claros, como os KPIs, que ajudam a monitorar o desempenho e o engajamento dos alunos. Esses dados orientam decisões e ajustes curriculares.

Além de ser técnica, a gestão pedagógica exige sensibilidade para entender os desafios e criatividade para superá-los. Ela promove o diálogo e a reflexão entre todos os envolvidos, fortalecendo uma cultura de inovação.

O projeto pedagógico deve refletir os valores e compromissos sociais da instituição. Ao integrar planejamento, acompanhamento e avaliação, a gestão se torna uma ferramenta de transformação, elevando a qualidade dos cursos e contribuindo para a formação integral dos alunos.

Referências:

- BAPTISTA, Eduardo Alexandre de Lima; QUADROS, Sílvia Cristina de Oliveira. Gestão de mudanças e a implementação do Projeto Político Pedagógico. **Revista Estudos Aplicados em Educação**, v. 10, e20259649, jan.–dez. 2025. Disponível em: https://www.seer.uscs.edu.br/index.php/revista_estudos_aplicados/article/view/9649. Acesso em: 17 ago. 2025.